

## LUZ NO CAMINHO - Mabel Collins

**Índice**

|   |
|---|
| Duas Palavras .....                             |
| Introdução .....                                |
| Comentários às regras de "Luz no Caminho" ..... |
| Karma .....                                     |

## INTRODUÇÃO

**Luz no Caminho** é um tratado clássico entre os ocultistas e o melhor guia conhecido para aqueles que deram o primeiro passo no caminho da realização. A autora veio o significado das regras na forma pela qual sempre costumam fazer os místicos, de modo que, para aqueles que não chegarem até a verdade, estas páginas lhe parecerão, provavelmente, como uma massa de contradições, praticamente desprovidas de sentido. Mas para aquele a quem foi dado o vislumbre da vida interna, estas páginas serão um tesouro de jóias inapreciáveis e, cada vez que as abrir, descobrirá novos fulgores. Para alguns, este pequeno livro será a primeira revelação daquilo que estiveram procurando às cegas durante toda a sua vida. Para outros, será o primeiro pedaço do pão espiritual dado para satisfazer a fome da alma. Para muitos será o primeiro copo d'água da fonte da vida, dado para apagar a sede que os consumia.

Aqueles a quem este livro está destinado, reconhecerão seu significado interno e, depois de o haver compreendido, já não voltarão a ser os mesmos de outrora.

Disse o poeta: "Por onde eu passo, todos os meus filhos me reconhecem", e assim, todos os Filhos da Luz reconhecerão este livro como para eles. Quanto aos outros, só podemos dizer-lhes que, a seu tempo, estarão prontos para esta grade mensagem. O fim deste livro é simbolizar os sucessivos passos do neófito em ocultismo, à proporção que progride no trabalho da Loja. As regras são praticamente as mesmas que eram dadas na Grande Loja da Fraternidade do Antigo Egito e que, durante gerações, têm sido ensinadas na Índia de mestre a discípulo.

A particularidade das regras aqui expostas é que o seu significado interno se revela à proporção que o estudante progride no caminho. Alguns serão capazes de compreender certo número destas regras, ao passo que outros somente chegarão a vê-las confusamente, quando ainda nos primeiros passos. O estudante, todavia, verá que uma vez que pôs firmemente o pé sobre um destes degraus, começará o outro imediato a ser iluminado tenuemente, como para inspirar-lhe confiança em dar o próximo passo. Que ninguém se desanime; o fato de que este livro vos atrai é o sinal de que ele vos está destinado e, com o tempo, vos revelará seu significado. Lede-o e relede-o freqüentemente, e vereis que um véu após o outro se dissipa, ainda que véus e mais véus persistam entre vós e o Absoluto. Notareis que as palavras do livro se gravarão em vossa mente e chegarão a ser uma parte de vós mesmos. Prendereis a amar este livro e tereis sempre a necessidade de sua companhia. Ele será como a música para a vossa alma.

Aos que não o conhecem, devemos dizer que não é obra nossa, mas foi escrito por Mabel Collins, uma estudante de ocultismo, e provavelmente ditado

por alguma elevada autoridade. As suas palavras e ensinamentos testemunham a nobreza da alma que o inspirou. Para nós é uma estrela guia. Que para vós também o seja.

A paz esteja convosco.

*Iogue Ramacháraca*

## I

Estas regras foram escritas para todos os discípulos: Segue-as.

Antes que os olhos possam ver, devem ser incapazes de lágrimas. Antes que o ouvido possa ouvir, deve ter perdido a sensibilidade. Antes que a voz possa falar em presença dos Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir. Antes que a alma possa erguer-se em presença dos Mestres, é necessário que seus pés tenham sido lavados no sangue do coração.

## 1

Mata a ambição.

*NOTA: A ambição é o primeiro defeito, a grande tentadora do homem, que se eleva acima de seus semelhantes. É a forma mais simples de procurar a recompensa. É ela que, continuamente, desvia o homem de suas possibilidades superiores. Entretanto, é um instrutor necessário. Os seus resultados convertem-se em pó e cinza na boca; como a morte e o retraimento, demonstra, finalmente, ao homem, que trabalhar para si é trabalhar para uma decepção inevitável. Porém, mesmo quando esta primeira regra pareça tão fácil e singela, não a considereis levemente, porque estes vícios do homem ordinário sofrem uma transformação sutil e reaparecem sob outro aspecto no coração do discípulo. É fácil dizer: "Não serei ambicioso", mas não o é tanto dizer "Quando o Mestre ler em meu coração, irá encontra-lo limpo de toda mancha". O artista puro, que trabalha por amor à sua obra, está algumas vezes mais firmemente colocado no verdadeiro caminho do que o ocultista que imagina haver apartado de si o interesse próprio, porém que, em realidade, apenas alargou os limites da experiência e do desejo e transferiu os seus interesses a coisas relacionadas com a sua maior expansão de vida. O mesmo princípio se aplica às outras duas regras que seguem, em aparência tão simples. Fixa a tua atenção nelas e não te deixes enganar facilmente pelo teu próprio coração; pois agora, no limiar, um erro pode remediar-se. Mas, se o levas consigo, crescerá e dará frutos, e então terás que sofrer amargamente ao destruí-lo.*

## 2

Mata o desejo de viver.

## 3

Mata o desejo de conforto.

4

Trabalha como trabalham os que são ambiciosos. Respeita a vida como fazem os que a desejam. Sê tão feliz como os que vivem para a felicidade.

Procura em teu coração o raiz do mal e arranca-a esta raiz vive no coração do discípulo fervoroso, tanto quanto no homem de desejos. Somente o forte pode destruí-la. O fraco tem que esperar seu crescimento, sua frutificação e sua morte. É esta planta que vive e se desenvolve através das idades. Floresce quando o homem acumulou em si existências inumeráveis. Aquele que quiser entrar na senda do poder, deve arranca-la de seu coração. E então do coração brotará sangue, e a vida toda do homem parecerá dissipar-se por completo. É preciso sofrer esta prova; pode apresentar-se desde o primeiro degrau da perigosa escada que conduz ao caminho da vida; pode não chegar até o último. Mas lembra-te – ó discípulo! – que tens que passar por esta prova e reforçar as energias de tua alma para tal empresa. Não vivas nem no presente nem no futuro, mas sim no eterno. Ali não pode florescer esta erva gigantesca; a própria atmosfera do pensamento eterno apaga esta macha da *existência*.

5

Mata todo sentimento de separatividade.

*NOTA: Não imagines que pode separar-te do homem malvado ou do insensato. Eles são tu mesmo, se bem que em menor grau do que o teu amigo ou teu mestre. Mas, se deixas arraigar-se em ti a idéia de separação de qualquer coisa ou pessoa má, ao agires assim, crias Karma que te ligará àquela coisa ou pessoa, até que tua alma reconheça que não pode estar isolada. Relembra que o pecado e o opróbrio do mundo são teu pecado e teu opróbrio, porque fazes parte desse mundo; o teu Karma está entretecido de um modo intrincado com o grande Karma. E antes que tenhas obtido o conhecimento, é preciso que hajas passado por todos os lugares, tanto imundos como puros.*

*Portanto, tem presente que o vestuário manchado, cujo contato te repugne hoje, pode ter sido o teu de ontem, ou talvez o seja amanhã. E se, horrorizado, dele apartas o olhar, uma vez lançado sobre teus ombros, mais aderirá a ti. O homem que se crê justo prepara para si mesmo um leito de lodo. Abstém-te, não para permaneceres limpo, mas porque abster-te é um dever.*

6

Mata o desejo de sensação.

7

Mata a sede de crescimento.

8

Entretanto, mantém-te só e isolado, porque nada de quanto tem consciência da separação, nada de quanto não seja eterno, pode vir em teu auxílio. Estuda a sensação e observa-a, porque unicamente assim podes começar a ciência do conhecimento próprio e colocar o pé no primeiro degrau da escada.

Cresce como a flor, inconscientemente, mas ardendo em ânsias de entreabrir sai alma à brisa. Assim é como deves avançar: abrindo tua alma ao eterno. Mas há de ser o eterno o que deve desenvolver a tua força e a tua beleza, e não o desejo de crescimento. Porque, no primeiro caso, florescerás com a louçania da pureza, e no outro te endurecerás com a avassaladora paixão da importância pessoal.

9

Deseja unicamente o que está em ti.

10

Deseja unicamente o que está fora de teu alcance.

11

Deseja unicamente o que é inatingível.

12

Porque em ti está a luz do mundo, a única luz que pode ser projetada sobre o caminho. Se és incapaz de perceber-la dentro de ti, é inútil que a procures em outra parte. Está fora do teu alcance, porque, quando chegares a ela, já não te encontrarás a ti mesmo. É inatingível, porque retrocede sempre. Estarás no seio da luz, mas nunca tocarás a chama.

13

Deseja ardentemente o poder.

14

Deseja ardentemente a paz.

15

Deseja as possessões acima de tudo.

16

Mas estas possessões devem pertencer à alma pura e, conseqüentemente, devem ser possuídas igualmente por todas as almas puras, sendo, assim, a propriedade especial do todo que, unidas, constituem. Anela as possessões próprias da alma pura, a fim de que possas acumular riquezas para aquele espírito comum de vida, que é o teu único ser verdadeiro. A paz que deves desejar é aquela paz sagrada que nada pode perturbar, e no seio da qual cresce como a flor santa no seio das lagoas imóveis. É esse o poder que deve aspirar o discípulo, o poder que o fará aparecer como nada os olhos dos homens.

17

Procura o caminho.

*NOTA: Estas três palavras parecerão, talvez, muito insignificantes para constituir por si só uma regra. O discípulo dirá: - Estarei eu estes pensamentos se não procurasse o caminho? - E não te apresses a passar adiante. Detém-te e medita um pouco. É realmente o caminho que desejas, ou é que a tua fantasia te oferece uma vaga perspectiva de elevadas alturas para escalar, ou um grande futuro para*



*abarcas? Tem presente a advertência. O caminho há de ser buscado por ser o caminho, e sem ter em conta os teus pés que o devem percorrer.*

*Uma relação existe entre esta e a 17ª regra da segunda série. Quando, após séculos de luta e de numerosas vitórias, ganhares a derradeira batalha e exigires o último segredo, estarás, então, preparado para um caminho mais avançado.*

*Quando o segredo final desta grande lição for revelado, nele estará aberto o mistério do novo caminho – um caminho que conduz muito além de toda experiência humana e que se acha absolutamente fora do alcance da percepção e imaginação do homem.*

*Em cada um destes pontos é necessário deter-se muito e meditar bem. Em cada um destes pontos é preciso estar seguro de que se escolheu o caminho pelo caminho mesmo. O caminho e a verdade vêm primeiro; logo após segue a vida.*

18

Busca o caminho, retirando-te para o interior.

19

Busca o caminho, avançando resolutamente para o exterior.

20

Busca-o, mas não em uma direção única. Para cada temperamento existe uma via que parece a mais desejável. Porém, só pela devoção não se encontra o caminho, nem pela mera contemplação religiosa, nem pelo ardor de progresso, nem pelo laborioso sacrifício de si mesmo, nem pela estudiosa observação da vida. Nenhuma destas coisas por si só faz adiantar ao discípulo mais que um passo. Todos os degraus são necessários para subir a escada, um a um, à proporção que vão sendo dominados. As virtudes do homem são, em verdade, degraus necessários, dos quais não se pode prescindir de modo algum. Entretanto, ainda que criem uma bela atmosfera e futuro feliz, são inúteis, se estão isoladas. A natureza toda do homem deve ser sabiamente empregada por aquele que deseja entrar no caminho. Cada homem é absolutamente para si mesmo o caminho, a verdade e a vida. Só o é, porém, quando domina firmemente toda a sua individualidade, e quando, pela energia de sua acordada espiritualidade, reconhece que esta individualidade não é ele mesmo, mas uma coisa que ele criou trabalhosamente para seu uso e por cujo meio se propõe, à proporção que o seu crescimento desenvolve lentamente a sua inteligência, alcançar a vida além da individualidade. Quando sabe que para isto existe a sua assombrosa vida complexa



e separada, então em verdade, e só então, se acha no caminho. Busca-o submergindo-te nas misteriosas e esplêndidas profundidades do mais íntimo de teu ser. Busca-o provando toda a experiência, utilizando os sentidos a fim de compreender o desenvolvimento e a obscuridade desses outros fragmentos divinos que contigo e a teu lado combatem e que formam a raça a qual pertences. Busca-o estudando as leis do ser, as leis da natureza, as leis do sobrenatural: e busca-o prosternando a tua alma ante a pequena estrela que arde no interior. Enquanto vigias e adoras com perseverança, a sua luz irá sendo cada vez mais brilhante. Então poderás reconhecer que encontraste o começo do caminho. E quando chegares ao fim, a sua luz se converterá subitamente em luz infinita.

*NOTA: Busca-o provando toda a experiência, e não te esqueças de que, ao dizer isto, não digo: cede às seduções dos sentidos a fim de conhece-las. Antes de converter-te em ocultista, podes fazê-lo, porém não depois. Uma vez que tenhas escolhido o caminho e nele penetrado, já não podes, sem receio, ceder a tais seduções.*

*Podes experimentá-las sem horror, podes observa-las, medi-las, analisa-las e esperar, com paciência e confiança, a hora em que nenhuma impressão causem em ti.*

*Mas não condenes o homem que cede; estende-lhe a mão como a um teu irmão peregrino, cujos pés se tornaram pesados de lama. Tem presente – ó discípulo! – que, por grande que seja o abismo que existe entre o homem virtuoso e o pecador, é ainda maior entre o homem virtuoso e aquele que obteve o conhecimento; e que é incomensurável entre o homem virtuoso e aquele que se acha nos umbrais da divindade. Portanto, guarda-te de imaginar, antes do tempo, que és alguma coisa distinta da massa.*

*Quando houveres encontrado o começo do caminho, a estrela da tua alma deixará ver sua luz e, com sua claridade, perceberás quão grande é a escuridão no meio da qual brilha. A mente, o coração, o cérebro, tudo está escuro e em trevas, até que se tenha ganho a primeira batalha. Mas não deixes, por isso, que o espanto e o temor te dominem; mantém teus olhos fixos na pequena luz e esta irá crescendo. Porém, faze com que a escuridão interior te ajude a compreender a desolação daqueles que não viram luz alguma e cujas almas estão sumidas em profundas trevas.*

*Não os censures nem te apartes deles; antes, pelo contrário, procura aliviar algum tanto o pesado Karma que ao mundo oprime; presta a tua ajuda aos poucos braços vigorosos que impedem as potências das trevas de obter uma completa vitória. Agindo desta forma, começarás a participar da felicidade, que, em verdade, acarreta um terrível trabalho e uma tristeza profunda, porém que é também um manancial de delícias sem fim.*

Busca a flor que desabrocha durante o silêncio que segue à tormenta, e não antes.

A planta crescerá e se desenvolverá, lançará ramos e folhas, e formará botões enquanto prossegue a tempestade e perdura toda a batalha. Mas enquanto a personalidade toda do homem não tiver sido dissolvida e fundida; enquanto o divino fragmento que a criou não a manejar como mero instrumento de experimentação e experiências, enquanto a natureza toda não tiver sido vencida e se tornado submissa ao Eu Interior, a flor não poderá abrir-se. Então, sobrevirá uma calma como a que nos países tropicais sucede a uma chuva torrencial, quando a natureza age com tamanha rapidez que a sua ação pode ser vista. Uma calma semelhante se difundirá sobre o espírito fatigado. E no silêncio profundo ocorrerá o misterioso sucesso, o qual provará que se encontrou o caminho. Podes chamá-lo como quiseses; é uma voz que fala onde não há ninguém que fale; é um mensageiro que vem, mensageiro sem forma nem substância, ou antes, é a flor da alma que se abriu. Não há metáfora que possa descreve-lo. Mas pode-se pressentir, procurar e desejar, mesmo no meio da fúria da tempestade. O silêncio pode durar apenas um momento, ou pode prolongar-se por milhares de anos, porém, terá fim. Contudo, reterás contigo a sua força. Uma e outra vez terás que dar e ganhar a batalha. O repouso da natureza só pode ser um intervalo.

*NOTA: O desabrochar da flor é o glorioso momento em que a percepção se desperta; com ela nascem a confiança, o conhecimento e a certeza. A pausa da alma é o momento de assombro, o seguinte momento de satisfação é o silêncio.*

*Sabe – ó discípulo! – que aqueles que passaram pelo silêncio, sentiram a sua paz e retiveram a sua força, anseiam também que passes tu por ele. Assim, pois, quando o discípulo for capaz de entrar no Templo do Saber, encontrará sempre o seu Mestre.*

Estas regras expostas são as primeiras que foram escritas nos muros do Templo do Saber. Os que pedem, obterão. Os que desejam ler, lerão. Os que desejam aprender, aprenderão.

*NOTA: Os que pedem, obterão. Porém, ainda que o homem vulgar peça continuamente, a sua voz não será ouvida, porque só pede com a mente, e a voz da mente não é ouvida, a não ser na esfera onde ela age. Portanto, enquanto não houverem sido aprovados nas 21 regras, não digo que os que pedem obterão.*

*Ler, no sentido oculto, é ler com os olhos do espírito. Pedir é sentir a fome interna, o desejo da aspiração espiritual. Ser capaz de ler, significa ter obtido, em grau mínimo, o poder de satisfazer esta fome. Quando o discípulo se preparou para aprender, então é aceito, reconhecido e admitido. Assim deve ser, pois acendeu a sua lâmpada e esta não pode estar oculta. Porém, é-lhe impossível aprender, enquanto não tiver ganho a batalha. A mente pode reconhecer a verdade, mas o espírito não a pode perceber.*

*Uma vez que passou pela tormenta e que chegou à paz, então é sempre possível ao discípulo aprender, conquanto ainda possa duvidar, vacilar e desviar-se. A voz do silêncio mora nele, e ainda que abandonasse por completo o caminho, virá um dia em que ela ressoará e irá dividi-lo em dois, separando as suas paixões das suas possibilidades divinas. Então, no meio do sofrimento e dos gritos desesperados do abandonado eu inferior, ele voltará ao caminho.*

*Por isso, digo-te: A paz seja contigo.*

*"A minha paz vos dou"; só o Mestre o pode dizer aos seus amados discípulos, que são Ele mesmo. Alguns há, mesmo entre os que ignoram a Sabedoria Oriental, aos quais se pode dizer isto, e aos quais se pode dizer-lo diariamente com maior precisão.*

\* \* \*

Contempla as Três Verdades (\*). Elas são iguais.

A PAZ SEJA CONTIGO.

\*  
\* \*

(\*) As Três Verdades se encontram no capítulo VIII de *O Idílio do Lótus Branco*, livro da mesma autora e de inspiração superior, onde se lê:

*"Há Três Verdades que são absolutas e não podem ficar perdidas, mas podem permanecer em silêncio por falta de quem as proclame. Ei-las:*

I- *A alma do homem é imortal e o seu futuro é o de algo cujo crescimento e esplendor não tem limites.*

- II- *O princípio que dá a vida mora em nós e fora de nós; é imortal e eternamente benéfico; não é ouvido nem visto, nem aprendido pelo olfato, mas pode ser percebido pelo homem desejoso de o perceber.*
- III- *Cada homem é o seu absoluto legislador, o dispensador da glória ou das trevas para si próprio; é o decretador de sua vida, recompensa e punição.*

*Estas Verdades, grandes como a própria vida, são simples como a mente do mais simples dos homens. Alimentai com elas os famintos." (Nota da autora)*

\*\*\*\*\*

Do seio do Silêncio, que é a paz, uma voz ressoante se elevará. E esta voz dirá: "Faz falta alguma coisa mais; tu colheste, agora tens que semear." E sabendo que esta voz é o silêncio mesmo, obedecerás.

Tu que és agora um discípulo capaz de manter-te firme, capaz de ouvir, capaz de ver, capaz de falar, que venceste o desejo e obtiveste o conhecimento de ti mesmo; tu que viste a tua alma em flor e a reconheceste e que ouviste a voz do silêncio, encaminha-te ao Templo do Saber e lê o que ali está escrito para ti.

*NOTA: Ser capaz de manter-se firme, significa ter confiança; ser capaz de ouvir, é ter alcançado a percepção; ser capaz de falar, é haver obtido o poder de auxiliar os outros; ter conquistado o desejo, é ter aprendido a servir-se do eu e a dominá-lo; ter alcançado o conhecimento de si mesmo, é ter-se recolhido no interior da fortaleza, onde o homem pessoal pode ser contemplado com imparcialidade; ter visto tua alma em flor é ter obtido uma visão momentânea, em ti mesmo, da transfiguração que te converterá, finalmente, em mais que um homem; reconhecer é levar a termo a grande empresa de contemplar a luz resplandecente, sem abaixar os olhos e sem retroceder, tomado de espanto, como ante a um fantasma terrível. Isto acontece a alguns, e assim perdem a vitória no momento preciso de alcançá-la; ouvir a voz do silêncio é compreender que a única direção verdadeira vem do interior; encaminhar-se ao Templo do Saber é entrar no estado em que é possível aprender. Então para ti estarão ali escritas muitas palavras em caracteres de fogo, que te será fácil ler, pois quando o discípulo está pronto, o Mestre também o está.*

## 1

Mantém-te alheio à batalha que começa, e ainda que combatas, não sejas o guerreiro.

## 2

Procura o guerreiro e deixa-o combater em ti.

## 3

Recebe as suas ordens para a batalha, e obedece-as.

## 4

Obedece-o não como se ele fosse um general, porém como se ele fosse tu mesmo, e como se suas palavras fossem a expressão de teus secretos desejos; pois ele é tu mesmo, ainda que infinitamente mais sábio e forte que tu. Busca-o antes que, no fragor e na febre da batalha, possas deixar de percebê-lo; pois ele não te reconhecerá, a não ser que tu o conheças. Se o teu grito chegar ao seu ouvido atento, então lutará em ti e encherá o triste vácuo do interior. E se isto suceder, então poderás permanecer sereno e infatigável durante a batalha, mantendo-te apartado e deixando-o combater em ti. O teu cérebro irá perturbar-se, teu coração irá tornar-se irresoluto e, no meio da batalha, a tua vista e teus sentidos se obscurecerão, e não distinguirás os teus amigos de teus inimigos.

Ele é tu mesmo; tu és finito e sujeito ao erro. Ele é eterno e seguro. Ele é a verdade eterna. Uma vez que em ti tenha penetrado e se tenha tornado teu guerreiro, jamais te abandonará por completo, e no dia da grande paz, ele e tu serão convertidos em um.

## 5

Escuta o canto da vida.

*NOTA: Busca-o e escuta-o primeiramente em teu próprio coração. Ao princípio, talvez dirás que não está ali. Que quando buscas só encontras discordância. Busca-o mais profundamente.*



*Se ainda assim fracassas, detém-te um instante e ainda mais profundamente olha. Em todo coração humano existe uma natural melodia, uma obscura fonte. Pode estar coberta, oculta e silenciosa por completo; porém, ela ali está. Na base mesma da tua natureza encontrarás a fé, a esperança e o amor. Aquele que procura o mal, recusa olhar para dentro de si mesmo, cera seus ouvidos à melodia do coração, assim como os olhos à luz de sua alma.*

*E assim age, porque acha mais fácil viver submerso nos desejos. Mas, no fundo de toda vida existe uma corrente impetuosa que não reconhece obstáculos; as grandes águas estão realmente ali. Encontra-as e perceberás que ninguém, nem mesmo a criatura mais miserável, deixa de ser uma parte dela, por mais que procure fechar os olhos e construir para si uma fantástica forma externa de horror. Todos os seres, entre os quais penosamente avanças, são fragmentos do divino.*

*E tão enganadora é a ilusão em que vives, que é difícil adivinhar se perceberás primeiro a doce voz no coração dos outros ou no teu. Porém, sabe que se encontra seguramente dentro de ti. Busca-a aí, e uma vez que a tenhas ouvido, irá distingui-las mais rapidamente ao teu redor.*

## 6

Conserva em tua memória a melodia que ouvires.

## 7

Aprende dela a lição de harmonia.

## 8

Tu podes então manter-te ereto, firme como uma rocha no meio do tumulto, obedecendo ao guerreiro que é tu mesmo e teu rei. Indiferente ao combate, salvo na execução de teus mandatos, e sem preocupar-te com o resultado da batalha, porque uma coisa única é importante: que o guerreiro vença, e tu sabes que não pode ser derrotado; permanece, assim, sereno e vigilante, e usa s]da faculdade de ouvir, que adquiriste por meio do sofrimento e da destruição do sofrimento. Enquanto não fores mais do que homem, apenas fragmentos do grande canto chegarão aos teus ouvidos. Mas, se o ouvires, imprime-o finalmente em tua memória, de modo que nada se perca do que tenha chegado a ti, e dele procura aprender o significado do mistério que te rodeia. Com o tempo não terás necessidade de instrutor algum. Porque assim como o indivíduo possui uma voz, Aquele em que o indivíduo existe a possui também.

A própria vida tem a sua linguagem e nunca permanece silenciosa. E esta linguagem não é um grito, como poderias supor que tu és surdo, mas um canto. Aprende dele que tu és uma parte da Harmonia; aprenda dele a obedecer às leis da Harmonia.

9

Observa atentamente toda a vida que te rodeia.

10

Aprende a perscrutar de maneira inteligente o coração dos homens.

*NOTA: Sob um ponto de vista absolutamente impessoal, pois de outro modo, verias através de um prisma falso. Portanto, a impessoalidade deve ser primeiramente entendida.*

*A inteligência é imparcial: nenhum homem é teu inimigo; nenhum homem é teu amigo. Todos são igualmente teus instrutores. Teu inimigo se converte num mistério que tens de resolver, ainda que, para esse fim, sejam necessários séculos; pois o homem precisa ser compreendido. O teu amigo se converte numa parte de ti mesmo, uma extensão de ti mesmo, um enigma difícil de decifrar.*

*Só há uma coisa mais difícil de conhecer: o teu próprio coração. Antes que se tenham afrouxado os laços da personalidade, não se pode começar a ver este profundo mistério do ser.*

*Enquanto não estiveres apartado dela, não será, de modo algum, revelado ao teu entendimento. Então, e só então, poderás usar de todos os seus poderes e consagra-los a um trabalho digno.*

11

Considera ansiosamente teu próprio coração.

12

Porque através do teu próprio coração vem a única luz que pode iluminar a vida e torna-la clara aos teus olhos.



Estuda o coração dos homens, a fim de poderes conhecer o que é o mundo em que vives e do qual queres ser parte. Observa a vida que te rodeia em constante movimento, em transformação incessante, pois é formada pelos corações dos homens; e à proporção que forem aprendendo a conhecer a sua constituição e significação, irás gradualmente sendo capaz de ler a palavra maior da vida.

## 13

A palavra só vem com o conhecimento.  
Alcança o conhecimento e alcançarás a palavra.

*NOTA: É impossível que ajude os outros enquanto não tiveres adquirido a certeza de ti mesmo. Quando tiveres aprendido as primeiras 21 regras e penetrado no Templo do Saber, com os teus poderes desenvolvidos no sentido livre, poderás, então, descobrir que dentro de ti existe um manancial de que brotará a palavra.*

*Depois da regra 13 não posso acrescentar palavra alguma ao que já foi escrito. A minha paz te dou.*

Estas notas foram escritas unicamente para aqueles a quem dou a minha paz; para aqueles que podem ler o que eu escrevi tanto com os sentidos internos como com os externos.

## 14

Tendo adquirido o uso dos sentidos internos, tendo dominado os desejos dos sentidos externos, havendo subjugado os desejos da alma individual, e tendo obtido o conhecimento, prepara-te – ó discípulo! – para entrar realmente no caminho. O caminho foi encontrado; apresta-te para percorre-lo.

## 15

Pede à terra, ao ar e à água, os segredos que guardam para ti. O desenvolvimento dos teus sentidos internos te permitirá fazê-lo.

## 16

Pede aos santos da terra os segredos que guardam para ti. O domínio dos desejos de teus sentidos internos, te dará direito a fazê-lo.

## 17

Indaga no mais íntimo, do Uno, o segredo final que Ele guarda para ti, no decorrer das idades.

A grande e difícil vitória, o domínio dos desejos da alma individual, é obra de idades; portanto, não esperes receber a recompensa antes que idades e idades de experiências se hajam acumulado. Quando tiver soado a hora de aprender esta regra 17, o homem estará mais próximo de se tornar mais que um homem.

## 18

O conhecimento que agora possuis, só é teu porque a tua alma se tornou uma com todas as almas puras e com o mais íntimo. É um depósito que o Altíssimo te confiou. Abusa dele, emprega mal o teu conhecimento ou descuida-o, e ainda é possível que caias do estado elevado a que chegaste. Almas grandes há que retrocedem, achando-se já nos umbrais, por não poderem suster o peso da sua responsabilidade, por serem incapazes de seguir adiante. Portanto, considera sempre esse momento futuro com temeroso respeito, e prepara-te para a batalha.

## 19

Está escrito que para aquele que se acha nos umbrais da divindade não se pode idear lei alguma, nem tampouco existir guia.

Contudo, para que o discípulo compreenda a luta final, pode expressá-la nestes termos:

*Aferra-te ao que não tem substância nem existência.*

## 20

Não ouças senão a voz que é insonora.

## 21

Não olhes senão o que é invisível, tanto ao sentido interno como ao externo.

## **A PAZ ESTEJA CONTIGO!**

---

### **COMENTÁRIOS ÀS REGRAS DE "LUZ NO CAMINHO"**

#### I

*Antes que os olhos possam ver, devem ser incapazes de lágrimas.*

Todos os leitores de *Luz no Caminho* devem ter presente que este é um livro que aparenta encerrar alguma filosofia, porém que parecerá ter pouco sentido aos que crêem ter sido escrito em linguagem comum. Para os que lerem deste modo, o resultado será insignificante, porque é preciso aprofundá-lo para poder tirar o suco da leitura. Ficai de sobreaviso e lede pouco deste modo.

Há outra maneira de ler, que não é a única útil para a leitura de certos autores. É ler não no sentido de cada linha, mas no de cada palavra. É como decifrar um hierograma profundo. Todas as obras de alquimia estão escritas no hierograma de que falo; e este foi usado pelos grandes filósofos e poetas de todos os tempos. Os Adeptos o empregam sistematicamente com referência à vida e aos conhecimentos, e aparentemente dando a sua mais profunda sabedoria, ocultam o verdadeiro mistério nas próprias palavras que o constituem. Não podem fazer mais do que isso. Há uma lei na Natureza que exige que o homem decifre por si mesmo estes mistérios. Não pode compreendê-los por outro método. Um homem que deseja viver, tem que comer os seus alimentos; isto é uma simples lei da Natureza, que se aplica também à vida superior. O homem que quer viver e agir nela, não pode ser alimentado tal qual uma criança; é preciso alimentar-se por si mesmo.

Proponho-me a expor em linguagem nova e clara uma parte da *Luz no Caminho*; porém não posso dizer se este esforço meu será de alguma utilidade. Para o homem surdo e mudo, não será uma linguagem inteligível, ainda quando,

para torna-la mais clara, algum lingüista mal aconselhado traduza as palavras em todas as línguas vivas e mortas, e grite aos seus ouvidos estas diversas frases. Mas aos que não são surdos nem mudos, uma só língua é geralmente mais fácil do que as outras; e é a estes que me dirijo.

O primeiro aforismo da *Luz no Caminho*, contido na primeira parte, sei muito bem que, no que concerne ao seu sentido interno, ficou como uma folha de papel selado para muitos que, quanto aos outros sentidos, seguiram o propósito do livro.

Há quatro verdades provadas e certas, referentes à entrada no Ocultismo. As Portas de Ouro fecham o vestibulo; contudo, há alguns que atravessam os seus umbrais e descobrem o sublime e sem limite do além. No fim de longos períodos de tempo, todos atravessarão as Portas. Porém, eu desejaria que o tempo, o grande enganador, não fosse o senhor da situação.

Àqueles que as conhecem e as amam, nada temos que dizer. Porém, aos outros – e não são tão poucos como pensam alguns – que consideram o passo do Tempo como golpes compassados do grande martelo de ferreiro, e o espaço, como as grades de uma jaula, as traduzirei até que cheguem a compreendê-las por completo.

As quatro verdades escritas na primeira página de *Luz no Caminho* referem-se à prova de iniciação do aspirante a ocultista. Enquanto não as houver passado, não poderá nem sequer chegar ao guardião da Porta que dá entrada ao conhecimento. O conhecimento é a maior herança do homem; por que, pois, não se há de procurar alcançá-lo por todos os caminhos possíveis? O laboratório não é o único terreno da experimentação; devemos ter presente que *ciência deriva de sciens*, particípio de *scire, conhecer*; a sua origem é semelhante à das palavras *discernir, saber*. Portanto, a ciência não trata somente da matéria, ainda mesmo em suas formas mais sutis e obscuras. Semelhante idéia é filha somente do espírito frívolo da época. Ciência é uma palavra que abarca todas as fórmulas do conhecimento. É muito interessante ouvir o que descobrem os químicos e vê-los ir encontrando o seu caminho através das densidades da matéria até suas formas mais finas; há, porém, outras classes de conhecimentos, e nem todos limitam o seu desejo de saber (estritamente científico) tão-só às experiências suscetíveis de ser verificadas pelos sentidos físicos.

Todo aquele que não seja torpe ou não tenha sido reduzido à imbeciliidade por algum vício dominante, adivinhou, ou talvez descobriu, com alguma certeza, que dentro dos sentidos físicos existem outros sentidos sutis. Nisto não há nada de extraordinário; se tomássemos o trabalho de interrogar com circunspeção a Natureza, veríamos que tudo o que é perceptível à vista ordinária tem alguma coisa, ainda mais importante, que se acha oculta dentro. O microscópio nos

descobriu um mundo, mas dentro dessas formas que o microscópio nos revela, existe um mistério que nenhum instrumento pode revelar.

O mundo todo é animado e iluminado, até nas formas mais materiais, por um mundo interno. Este mundo interno é chamado de Astral por algumas pessoas, e este é um termo tão bom como qualquer outro, ainda que signifique meramente *estrelado*; porém as estrelas, como indicou Locke, são corpos luminosos que iluminam com sua própria luz. Esta qualidade é característica da vida que habita na matéria; pois aqueles que a vêem, não precisam, para isso, de lâmpada alguma. A palavra *star* (estrela) deriva de *stir-man, to steer to stir*, anglo-saxônio, que significa mover-se, e é indubitável que a vida interna é senhora da externa, da mesma forma que o cérebro do homem guia o movimento de seus lábios. Assim, pois, ainda que a palavra "astral" não seja em si um termo muito apropriado, irei contentar-me com ela para o objetivo que me proponho.

Toda "Luz no Caminho" é escrita com uma chave astral, e portanto, só pode ser decifrada por aquele que lê astralmente. Os seus ensinamentos se referem à educação e desenvolvimento da vida astral. Enquanto não se tiver dado o primeiro passo neste desenvolvimento, o veloz conhecimento que se chama intuição, positiva e certa, é a única forma de conhecimento que permite ao homem trabalhar com rapidez ou alcançar o seu verdadeiro estado elevado, dentro dos limites do seu esforço consciente. Obter conhecimento por meio de experiências, é um método demasiado fastidioso para os que desejam realizar um verdadeiro trabalho. Aquele que o obtém por uma intuição segura, põe as mãos em suas várias formas com rapidez extraordinária, por um grande esforço de vontade, como o trabalhador determinado empunha suas ferramentas, indiferente aopeso delas ou a qualquer outra dificuldade que se lhe possa apresentar. Não se entretém numa por uma das palavras, mas usa aquelas que lhe parecem as mais apropriadas.

Todas as regras contidas em *Luz no Caminho* foram escritas para todos os discípulos, porém, ó para os discípulos, isto é, para aqueles que *adquirem o conhecimento*. Para os que não forem estudantes desta escola, estas regras não lhes inspiram interesse, nem têm valor.

A todos os que se interessarem seriamente pelo Ocultismo, digo primeiramente: adquirir o conhecimento. A quem tem, lhe será dado. É inútil esperar que ele venha por si. A matriz do tempo se fechará para vós, e em idades mui distantes ficareis sem nascer, desprovidos de poderes. Portanto, digo àqueles que têm fome e sede de conhecimento: estais atentos a estas regras.

Não são obra nem invenção minha. São a mera expressão verbal das leis da natureza superior, a manifestação, por meio de palavras, de verdades tão absolutas em sua própria esfera, como as leis que regem as funções da terra e da sua atmosfera.



Os sentidos de que se fala nestas quatro declarações, são os sentidos astrais ou internos.

Nenhum homem deseja ver essa luz que ilumina a Alma, enquanto a dor, o pesar e o desespero não o tenham livrado da vida da humanidade comum. Primeiro vence o prazer, depois vence a dor, até que seus olhos sejam incapazes de verter lágrimas.

Esta é uma verdade indubitável, ainda que saiba muito bem que será recebida com uma negativa veemente, por muitos que se simpatizam com os pensamentos da vida interna. Ver com o sentido astral da vista é uma espécie de atividade que nos é difícil compreender prontamente. O homem científico conhece o milagre que executa cada criança que vem ao mundo, quando, pela primeira vez, conquista a visão e a obriga a obedecer ao seu cérebro.

É certo que para cada um dos sentidos se realiza um milagre semelhante; porém esta ordenação da vista é, talvez, o esforço mais estupendo. Apesar disso, a criança o faz quase inconscientemente, pela força do costume herdado. Ninguém se lembra agora de o ter feito, do mesmo modo que não podemos recordar-nos dos movimentos individuais que, há um ano, nos permitiram subir uma montanha. Isto resulta do fato de que nos movemos e vivemos, e temos o nosso ser na matéria. O nosso conhecimento dessa verdade se tornou intuitivo.

Como a nossa vida astral sucede uma coisa mui distinta. Durante longas idades do passado, o homem lhe prestou tão pouca atenção, que perdeu praticamente o uso dos seus sentidos. É verdade que, em todas as civilizações, se levanta a estrela, e o homem confessa, com maior ou menor ignorância e confusão, que reconhece a própria existência. Porém, muito amiúde nega e, sendo materialista, converte-se nesse ser estranho que não pode ver a sua própria luz; um ser vivente que não quer viver, um animal astral que tem olhos e ouvidos, palavra e poder, e que, não obstante, não quer usar nenhum desses dons.

Tal é o caso; e o hábito da ignorância firmou-se de tal modo que já ninguém quer ver com a vista interna, enquanto a agonia do sofrimento não tiver tirado aos olhos físicos, não só a vista, mas também as lágrimas, que são o orvalho da vida. Ser incapaz de chorar é Ter enfrentado e Ter vencido a simples natureza humana, é Ter alcançado o equilíbrio que as emoções pessoais não podem fazer perder. Isto não implica a destruição do pesar, quando a alma que sofre parece impotente para continuar sofrendo tão horrivelmente; não significa o frio da velhice, quando a emoção se entorpece porque porque as cordas que a faziam vibrar se estão gastando. Nenhuma dessas condições são próprias de um discípulo, e se alguma delas existe nele, deve ser dominada antes que possa entrar no caminho. A dureza de coração é própria do homem egoísta, para o qual

a Porta está sempre fechada. A indiferença pertence ao néscio e ao falso filósofo, aos quais a sua tibieza os torna meros bonecos, que carecem de força para afrontas as realidades da existência. Quando a dor ou o pesar gera o agudo sofrimento, pode resultar num letargo, análogo ao que acompanha a velhice, na generalidade dos homens comuns. Semelhante estado torna impossível a entrada no caminho, porque o primeiro passo é mui difícil; para tentar dá-lo, é preciso ser um homem forte, cheio de vigor psíquico e físico.

É verdade que, segundo disse Edgar Poe, os olhos são as janelas da alma, as janelas do palácio encantado em que reside. Esta é a interpretação mais acertada do significado do texto. Se o pesar, a decepção, o abatimento ou o prazer fizerem estremecer a alma de maneira a fazê-la perder a sua firmeza ou o fluxo do Espírito que o inspira, e a fonte da vida faz brotar, afogando o conhecimento na sensação, então tudo se apaga, as janelas se obscurecem, a luz é inútil. Isto é um acontecimento tão certo como cair um homem num precipício, estando às suas bordas e perdendo suas forças por uma emoção repentina. A postura do corpo e o equilíbrio devem ser conservados, não só em lugares perigosos, como também nos terrenos planos e com todo o auxílio que a Natureza nos presta pela lei da gravitação. Assim acontece com a alma; é o ela entre o corpo externo e o Espírito sidéreo. A Chispa divina mora no lugar silencioso, em que nenhuma convulsão da Natureza pode estremecer o ar. Assim acontece sempre. Porém a alma pode perder o seu posto e seu conhecimento dessa Chispa, embora sejam partes de um todo; bastam a emoção e a sensação para perder esse laço. O sofrimento, o prazer ou a dor causam uma vibração intensa que, para a consciência do homem, é vida.

Ora, esta sensibilidade, longe de diminuir, aumenta, quando o discípulo principia a sua educação; ele tem que sofrer, gozar ou suportar mais sutilmente do que os outros homens, na mesma proporção que se impôs um dever que não existe para os outros: o de não permitir que o seu sofrimento o tire de um determinado propósito. Enfim, desde o primeiro passo tem de cuidar com firmeza de si mesmo e por o bocado em sua própria boca; ninguém o pode fazer por ele.

Os quatro primeiros aforismos da *Luz no Caminho* se referem exclusivamente ao desenvolvimento astral. É necessário efetuar-se, até certo ponto, este desenvolvimento – isto é, deve-se aprender resolutamente – antes que o resto do livro chegue, realmente a ser inteligível apenas para o intelecto; em uma palavra, ante que possa ser lido como tratado prático e não como tratado metafísico.

Em uma das grandes Fraternidades místicas, há quatro cerimônias que se verificam em princípio de ano, as quais ilustram e esclarecem praticamente estes aforismos. Há cerimônias em que tomam parte somente os noviços, porque são simplesmente ofícios do vestibulo. Porém, ver-se-á claramente quão grave coisa é



fazer-se discípulo, quando se entender que todas são cerimônias de sacrifícios. A primeira é a de que tratei há pouco. O gozo mais sutil, a dor mais cruel, a angústia da perda e do desespero se acumulam sobre a alma temerosa que ainda não encontrou a luz na obscuridade, que está desamparada como um cego. E enquanto ela não puder sofrer estes choques sem perder o equilíbrio, seus sentidos astrais permanecerão fechados. O *médium* ou o *espírita*, que se precipita no mundo psíquico sem preparação, é um violador da lei e transgressor das leis da natureza superior. Os que violam as leis da natureza, perdem sua saúde física; os que violam as leis da vida interna, perdem sua saúde psíquica.

Os *médiuns* costumam tornar-se loucos, suicidas, seres miseráveis, sem senso moral e quase sempre se tornam incrédulos, por duvidar daquilo que viram com seus próprios olhos. O discípulo é obrigado a ser seu próprio mestre antes de aventurar-se nessa perigosa senda e intentar colocar-se em frente desses seres que vivem e laboram no mundo astral, a quem chamamos mestres, por causa do seu grande conhecimento e de seus poderes, não só para dominar a si próprios, como também a forças que os rodeiam.

O estado da Alma, quando faz a vida das sensações, em contraposição à do conhecimento, é vibratório ou oscilante, em oposição ao fixo. Esta é a interpretação literal mais aproximada do fato; é literal só para a inteligência e não para a intuição. Para esta parte da consciência do homem é preciso um vocabulário diferente. A idéia do *fixo* talvez pudesse ser expressa pela de *em casa*. Na sensação, não se pode ter *casa* permanente, porque a mudança é a lei desta existência vibratória. Esta lição é a primeira que o discípulo deve aprender. É inútil deter-se e chorar por uma cena de um caleidoscópio, que passou.

É coisa mui conhecida, e de que Bulwer Lytton tratou com grande precisão, que a primeira de todas as experiências do neófito em Ocultismo é uma tristeza intolerável. Um sentimento de vacuidade, que faz do mundo um deserto e da vida uma luta vã, se apodera dele. Logo que se propõe a contemplar o mistério inefável da sua própria natureza superior, suscita a apresentação da prova inicial. A oscilação entre o prazer e a dor cessa, talvez, por um momento; porém, isto é bastante para fazê-lo desprender-se dos fortes laços que o atavam ao mundo das sensações. Experimentou, ainda que brevemente, a vida maior; e continua, na existência ordinária, oprimido por um sentimento de irrealidade, de negação vácuca e horrível. Este foi o pesadelo do neófito de Bulwer Lytton em *Zanoni*; e até mesmo Zanoni, que tinha aprendido as grandes verdades e adquirido grandes poderes, não havia passado os umbrais em que o temor e a esperança, o desespero e a alegria, parecem, em um momento dado, realidades absolutas e, quase imediatamente, meras formas de fantasia.

Esta prova inicial nos acarreta, amiúde, a mesma vida; porque, afinal, a vida é o grande mestre. Tornamos a estudá-la quando já temos adquirido poder sobre

ele, tal como o mestre de química aprende no laboratório mais do que seus discípulos. Pessoas há que se acham tão próximas da porta do conhecimento, que a própria vida as prepara para ele, e não é preciso que qualquer mão individual invoque o horroroso guardião da entrada. Estas têm de ser, naturalmente, organizações sutis e vigorosas, capazes do mais vívido prazer; vêm imediatamente a dor e cumprem o seu dever. As formas mais intensas do sofrimento caem sobre semelhante natureza, até que, afinal, ela se desperta do estupor da sua consciência e, pela força da sua vitalidade interna, passa pelos umbrais e vai a um lugar de paz. Então a vibração da vida perde o seu poder tirânico. A natureza sensível tem ainda que sofrer; porém a alma se libertou e se mantém de parte, guiando a vida para sua grandeza. Os que são escravos do Tempo e passam lentamente por todos os seus espaços, vivem em uma grande série de sensações e sofrem a mistura constante do prazer e da dor. Não se atrevem a agarrar com vigor a serpente do ser e vencê-la, tornando-se, deste modo, divinos; mas antes preferem continuar a sofrer as diversas experiências e a receber golpes das forças opostas.

Quando um desses escravos do Tempo se decide a entrar na senda do Ocultismo, esta é sua primeira tarefa. Se a vida não o ensinou, se não é bastante forte para ensinar a si mesmo, e se tem o poder suficiente para pedir o auxílio de um mestre, então se lhe impõe essa terrível prova descrita em *Zanoni*. A oscilação em que vive cessa por um momento, e tem que sobreviver ao choque de afrontar o que lhe parece o abismo do nada. enquanto não tiver aprendido a olhar nesse abismo e não tiver encontrado a paz que aí existe, é impossível que os seus olhos cheguem a ser incapazes de verter lágrimas.

## II

*Antes que o ouvido possa ouvir, deve ter perdido a sensibilidade.*

As quatro primeiras regras de *Luz no Caminho* são, indubitavelmente, por estranha que pareça a afirmação, as mais importantes de toda a obra, com exceção de uma única regra. A razão da sua importância é porque contém a lei vital, a própria essência criadora do homem astral. É só na consciência astral (ou iluminada em si) que têm alguma significação *viva* as demais regras. Uma vez que se tenha alcançado o uso dos sentidos astrais e começado a seu emprego, as últimas regras servem de guia. Ao falar assim, quero dizer que as quatro primeiras regras são as que têm importância e interesse aos que as lêem impressas em letras moldadas. Quando se tenham gravado no coração do homem e em sua vida, de modo indelével, então as outras regras se tornam não só interessantes declarações metafísicas extraordinárias, mas também acontecimentos reais da vida, que ele têm de experimentar e em que vai entrar.

As quatro regras se acham escritas na grande Câmara de toda a verdadeira Loja de uma fraternidade viva. Seja que o homem vá vender a sua alma ao diabo, como Fausto; seja que vai ser vendido, como Hamlet, ou esteja destinado a penetrar no recinto, em qualquer destes casos as palavras são para ele. O homem pode escolher entre a virtude e o vício, porém, não antes de ser homem; uma criança ou um animal selvagem não pode fazer tal eleição. Assim sucede com o discípulo, antes que possa ver as sendas para escolher entre elas. O esforço para tornar-se discípulo, o nascer de novo, há de o fazer por si mesmo, sem mestre algum. Enquanto não tiver aprendido as quatro regras, nenhum mestre lhe poderá ser útil e, por essa razão, mencionam-se os Mestres da forma atrás feita. Nenhum verdadeiro mestre ou adepto com poderes, pertença à direita ou à esquerda, poderá influir sobre pessoa alguma, antes de ter passado por estas quatro regras.

As lágrimas, como disse, podem ser chamadas o orvalho da vida; a Alma deve ter perdido as emoções da humanidade, deve ter alcançado um equilíbrio que a desgraça não possa fazer perder, antes que seus olhos possam abrir-se ao mundo dos super-humanos.

A voz do mestre percorre sempre o mundo; porém só a ouvem aqueles cujos ouvidos já não percebem os sons que afetam a vida pessoal. O riso já não alivia o coração, a cólera já não o excita, as palavras doces já não têm para ele um balsâmico afeto. Porque aquele interno, ao qual os ouvidos são como uma porta externa, é em si mesmo um lugar de paz que nada pode perturbar.

Assim como os olhos são as janelas da alma, os ouvidos são as suas portas. Por seu intermédio vem o conhecimento da confusão do mundo. Os Grandes Seres que conquistaram a vida, que chegaram a ser mais do que discípulos, permanecem em paz, imperturbáveis no meio da vibração e do movimento caleidoscópico da humanidade. Possuem em si conhecimentos certos, assim como uma paz perfeita e, por isso, não podem excitar-se, nem emocionar-se por causa dos errôneos e parciais fragmentos de informação que trazem aos seus ouvidos as vozes dos que os rodeiam. Quando falo do conhecimento, refiro-me ao conhecimento intuitivo. Esta informação certa nunca pode ser obtida por muito trabalho ou por muitas experiências; pois que estes métodos são aplicáveis somente à matéria; e a matéria em si é uma substância completamente incerta e constantemente afetada pela mudança. As leis mais absolutas e universais da vida natural e física, como o entendem os homens da ciência, desaparecerão quando desaparecer a vida deste universo e ficar só a sua alma em silêncio. Que valor tem, então, o conhecimento de suas leis, adquirido pelo trabalho e pela observação?

Os leitores e críticos devem saber que, com o que acabo de dizer, não procuro rebaixar a importância do conhecimento adquirido ou da obra dos homens

científicos. Pelo contrário, entendo que os homens de ciência são os precursores do pensamento moderno. Os dias da Literatura e da Arte, em que poetas e escultores viram a luz divina e a interpretaram com a sua grande linguagem, jazem sepultados em remotos passados com os poetas e escultores anteriores a Fídias e com os poetas anteriores a Homero. Os Mistérios já não governam o mundo do pensamento e da beleza; a vida humana é o poder que dirige e não aquele que existe mais além dela. Porém, os trabalhadores científicos estão progredindo, não tanto por sua própria vontade, como pela mera força das circunstâncias, até a longínqua linha que divide as coisas interpretáveis. Cada novo descobrimento lhes faz dar um passo adiante; portanto, estimo mui altamente o conhecimento que se adquire pelo trabalho e pela experiência.

Mas o conhecimento intuitivo é uma coisa muito distinta. De modo algum se pode adquiri-lo, pois é verdadeiramente uma faculdade da alma, não da alma animal, dessa alma que, depois da morte, se converte em fantasma, sujeito à paixão, à atração ou à atuação dos seres humanos, senão a alma divina que anima todas as formas eternas do ser individualizado.

Esta é uma faculdade que reside nessa Alma e à qual é inerente. O aspirante ou discípulo tem de elevar-se à consciência dela por um férreo, resoluto e indomável esforço da vontade. Uso a palavra indomável por uma razão especial. Só aquilo que é indomável, que não pode ser dominado, que sabe que tem de exercer o papel de Senhor sobre os homens, sobre os conhecimentos, sobre todas as coisas, exceto sobre sua própria divindade, pode despertar esta faculdade. "Com a fé tudo é possível". Os cépticos se riem da fé e se vangloriam de tê-la afugentado de suas próprias mentes. O certo é que a fé é uma grande máquina, um poder enorme, que verdadeiramente pode realizar todas as coisas; pois que é o contrato ou compromisso entre a parte divina do homem e o seu eu inferior.

O uso desta máquina é de todo necessário para obter-se o conhecimento intuitivo; se o homem não crê que traz em si mesmo este conhecimento, como há de pretender emprega-lo?

Sem ele, acha-se mais desamparado do que qualquer madeira ou resto de naufrágio entre as grandes ondas do oceano. É levado de cá para lá; assim pode suceder ao homem por meio das mudanças de fortuna. Porém, tais aventuras são puramente externas e de muito pouca importância. Um escravo pode ser arrastado pelas ruas carregado de ferros e, entretanto, ter a alma tranqüila do filósofo, como se viu na pessoa de Epicteto. Um homem pode possuir grandes riquezas e poderes mundanos e, conforme toda a aparência, ser dono de seu destino e, ainda assim, não saber o que é a paz e a certeza, porque dentro de si, ele se acha à mercê de todas as correntes de pensamentos que moram nele. E estas correntes distintas não somente arrastam o homem corporalmente de cá para lá, como um ramo vagueante nas águas – o que seria quase nada – mas também entram pelas



portas da Alma, a invadem e a tornam cega e vazia de toda inteligência permanentemente, de maneira tal que as impressões transitórias a afetam.

Para deixar mais claro o sentido do que disse, darei um exemplo. Considerai um escritor dispondo-se a escrever, um pintor concebendo um quadro, um compositor ouvindo as melodias que despontam em sua alegre imaginação; fazei que um destes trabalhadores passe as horas do dia em uma janela, olhando para uma rua de muito trânsito. O poder da vida animada cega igualmente a vista e o ouvido, e o grande tráfego da cidade não é para ele mais do que uma cena passageira. Mas se um homem, cuja mente esteja vazia, cujos dias não têm objeto, se achasse nesta mesma janela, observaria os transeuntes e iria recordar-se das feições que, por alguma razão, lhe interessariam. Assim acontece às mentes em suas relações com a verdade eterna. Se já não transmitem suas flutuações, seus conhecimentos parciais, suas incertas informações à alma, então no lugar interno de paz, a luz do verdadeiro conhecimento se converte em chama; então os ouvidos principiam ouvir. A princípio mui débil e mui vagarosamente. E em verdade, são tão débeis e frágeis estes primeiros indícios do princípio da vida real, que algumas vezes são considerados como meras fantasias e imaginações.

Porém, antes que eles possam tornar alguma coisa mais do que fantasias, a pessoa tem que afrontar o abismo do nada de um outro modo. O silêncio completo, que só pode vir fechando-se os ouvidos a todo ruído transitório, vem como um horror mais espantoso que o próprio vácuo informe do espaço. Creio que nosso único conceito mental do espaço vazio, quando reduzido à expressão mais simples do pensamento, é a negra escuridão. Este conceito constitui um grande terror físico para a maior parte das pessoas, e considerado como acontecimento eterno e imutável, traz à mente a idéia da aniquilação mais do que qualquer outra. Todavia, é somente a extinção de um sentido; e o som de uma voz pode vir e trazer um consolo até nas profundas trevas. Uma vez que o discípulo encontrou seu caminho nesta obscuridade, que é o espantoso abismo, deve fechar de tal modo as portas de sua Alma que nela não possa penetrar nenhum consolador ou inimigo. E ao fazer este segundo esforço, é quando se faz notório (aos que então não tinham se apercebido disso), o fato de que a dor e o prazer não são mais do que uma sensação.

Porque quando se alcança a soledade do silêncio, a Alma sente tão fero e apaixonado apetite de sensação em que repousar, que uma sensação dolorosa seria recebida com a mesma ânsia que uma de prazer. Quando se chega a este estado de consciência, o homem animoso, se lhe apegando, firmando-se nele, pode destruir de golpe a sua *sensibilidade*. Quando o ouvido cessa de distinguir entre o apazível e o doloroso, já não pode ser afetado pela voz dos outros, e então está fora de perigo e pode abrir as portas da Alma.

A *vista* é o primeiro esforço e o mais fácil, porque se alcança em parte por um impulso. A inteligência pode conquistar o coração, como é muito observado na vida comum. Portanto, este o passo preliminar se acha dentro dos limites da Matéria. Mas o segundo passo não permite semelhante ajuda e nenhuma classe de auxílio. Por auxílio material quero significar a ação do cérebro ou as emoções da Alma Humana. Ao obrigar os ouvidos a escutar solenemente o silêncio eterno, o ser que chamamos homem se converte em algo que já não é homem. Um exame muito superficial das mil e uma influências com que os outros nos afetam, demonstrará que isso deve ser assim. Um discípulo deve cumprir todos os deveres de sua virilidade; porém os cumprirá com referência ao seu próprio sentimento de retidão, e não com referência ao sentimento de outra pessoa ou corporação. Este é o resultado de seguir a doutrina do conhecimento em vez de qualquer das crenças cegas.

Para obter o silêncio puro, necessário ao discípulo, tem de se deixar o coração e as emoções, o cérebro e suas intelectualidades. Uns e outros são mecanismos que perecem juntamente com a breve vida do homem. A essência no além, aquilo que é causa motora e que dá vida ao homem, é o que o obriga agora a animar-se a agir. Esta é a hora de maior perigo. Na primeira prova, os homens se tornam loucos de temor; é a respeito dessa prova que escreveu Bulwer Lytton. Nenhum novelista falou da segunda prova, embora o fizessem alguns poetas. O seu perigo sutil e grande consiste em que, na medida da força de um homem, está a medida de suas probabilidades de passar adiante ou mesmo de poder lutar. Se tem poder suficiente para despertar essa parte não costumada de si mesmo, a Essência Suprema, então terá forças para abrir as Portas de Ouro; então o verdadeiro alquimista estará de posse do elixir da vida.

Nesse ponto da experiência é que o Ocultista se separa de todos os outros homens e entra em uma vida peculiarmente sua no caminho dos feitos individuais, em lugar da mera obediência aos gênios que governam a nossa terra. Esta elevação própria a um poder individual o identifica realmente como as forças mais nobres da vida e o unificam com elas. Porque elas estão mais além dos poderes desta terra e das leis deste universo.

Neste ponto se encontra a única esperança de êxito no grande esforço do homem, de atravessar, de um salto, a distância entre sua presente situação e a próxima, e converter-se imediatamente em parte intrínseca do poder divino, assim como foi parte intrínseca do poder intelectual da grande Natureza a que pertence. Ele se acha sempre muito além de si mesmo, se nos for possível compreendermos semelhantes contradições.

Os homens que aderem a esta posição, que crêem em seu poder inato de progresso e no da raça inteira, que crêem em seu poder inato de progresso e no da raça inteira, são os Irmãos Maiores, os precursores. Todo homem tem que dar

por si mesmo esse grande salto; contudo, saber que outros passaram por este caminho já é alguma coisa que serve de apoio. É possível que se tenham perdido no abismo; não importa, tiveram o valor de entrar. A razão porque digo que é possível que se tenham perdido no abismo, é porque o estado que se passou não é reconhecível enquanto o outro estado, completamente novo, não tenha sido alcançado. Não há necessidade de que agora nos ocupemos do que é nosso estado. Só direi que quando o homem começar a entrar no estado do silêncio, perde o conhecimento de seus amigos, dos seres queridos, de todos os que amou; e também perde a seus Instrutores e aqueles que o precederam no caminho. Explico isto porque é muito raro não se queixar com amargura quem não passe por este estado.

Se a mente tomasse conta, de antemão, que o silêncio deve ser completo, certamente que essa queixa não surgiria como obstáculo no caminho. O vosso Mestre ou predecessor pode ter entre suas mãos a vossa e oferecer-vos a maior simpatia de que é capaz o coração humano. Mas quando vem o silêncio e a obscuridade, perdeis todo o conhecimento d'Ele, estais só e Ele não vos pode auxiliar, não porque desapareceu o seu poder, mas porque evocastes o vosso grande inimigo.

Por vosso grande inimigo significo a vós mesmos. Se fores capaz de afrontar vossa própria Alma na obscuridade e no silêncio, tereis conquistado o ser animal ou físico, o qual mora somente na sensação.

Receio que esta declaração pareça confusa, mas na realidade, é bem simples. Quando o homem atinge sua maturidade e a civilização está em seu apogeu, ele se acha entre dois fogos. Se pudesse exigir sua grande herança, sem dificuldade se desembaraçaria da carga da vida animal. Mas não o faz, e assim as raças de homens florescem e logo caem, morrem e esmorecem à face da terra, por mais esplêndido que tenha sido o florescimento. E deixa-se o indivíduo fazer este grande esforço: recusar-se a ser espantado por sua natureza superior, a resistir ao impulso de retrocesso que lhe vem do seu eu inferior ou material. Todo indivíduo que executa isto é um redentor da raça. Pode não fazer ostentação de suas práticas, pode permanecer no segredo e no silêncio; porém é coisa certa que ele constitui um elo entre o homem e sua parte divina, entre o conhecido e o desconhecido, entre o bulício do mercado e a calma dos nevados Himalaias. Não tem de estar entre os homens para formar este elo; no astral ele o é, e isto faz dele um ser de uma ordem diferente do resto da humanidade. Ainda no princípio do caminho para o conhecimento, quando deu somente o segundo passo, vê que o seu pé está mais seguro e tem consciência de que é uma parte do todo.

Esta é uma das contradições da vida que ocorrem tão amiúde e que proporcionam matéria ao escritor de ficções. O Ocultista as vê muito claras, quando trata de viver a vida que escolheu. À medida que se concentra em si e se



faz dependente de si mesmo reconhece, de um modo mais definido, que forma parte de uma grande maré de determinado pensamento e sentimento. Quando aprendeu a primeira lição, quando dominou a fome do coração e recusou viver no amor de outros, acha-se capaz de inspirar amor. Ao abandonar a vida, esta vem a ele em uma nova forma e com novo significado. O mundo foi sempre um lugar de muitas contradições para o homem; este, quando se faz discípulo, vê que a vida se descreve como numa série de paradoxos. Isto é um fato na Natureza, e a razão disso é bastante compreensível. A alma do homem "mora à parte como uma estrela", mesmo a do mais vil entre nós, enquanto que a sua consciência está sob a lei da vida vibratória e de sensações. Isto só é bastante para causar essas complicações de caráter que são o material do novelista; cada homem é um mistério tanto para seus amigos como para seus inimigos. Os seus motivos são quase sempre indecifráveis, e ele não pode saber nem dar a razão porque fez isto ou aquilo. O esforço do discípulo é para despertar a consciência nesta estrelada parte de si mesmo, na qual dormem o seu poder e a sua divindade. Quando esta consciência se desperta, a contradição se nota mais do que nunca no mesmo homem, e assim acontece como os paradoxos que mostrar em sua vida. Porque se supõe que o homem cria a sua própria vida; e este dito: "as aventuras são para os aventureiros", é um dos seus sábios provérbios tirados de acontecimentos reais, que abarcam toda a esfera da experiência humana.

A pressão sobre a parte divina do homem reage sobre a parte animal. Assim que a alma silenciosa se desperta, faz a vida cotidiana do homem mais determinada, mais viva, mais real e responsável. Referindo-nos aos dois exemplos já mencionados, o ocultista que se retirou para dentro de sua própria fortaleza, encontrou sua força e imediatamente reconheceu as exigências que o dever lhe impõe. Ele não obtém a sua força por seu próprio direito, mas sim por ele ser uma parte do todo; e logo que se acha livre da vibração da vida e pode permanecer inquebrantável, o mundo externo lhe grita que venha e que trabalhe com ele. O mesmo sucede com o coração. Quando já não deseja receber, se lhe pede que dê com abundância. *Luz no Caminho* foi denominado um livro de paradoxos, e mui justamente: que outra coisa podia ser, quando se trata de experiência pessoal e efetiva do discípulo?

Ter adquirido os sentidos astrais e do ouvido, ou por outra, ter alcançado a percepção e aberto as portas da Alma, são tarefas gigantescas, que podem exigir o sacrifício de muitas encarnações sucessivas. E no entanto, quando a vontade alcançou sua força, todo milagre pode operar-se em um segundo de tempo. Então o discípulo deixa de ser o servidor do Tempo.

Estes dois primeiros passos são negativos, isto é, relacionam-se com a retirada de um presente estado de coisas em vez de um verdadeiro avanço para outro. Os dois passos seguintes são ativos, e relacionam-se com o avanço para outro estado do ser.

## III

*Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres...*

A linguagem é o poder da comunicação; o momento da entrada na vida ativa está marcado pela sua aquisição.

E agora, antes de continuar, permiti-me fazer uma curta explicação sobre o modo como estão combinadas as regras expostas na *Luz no Caminho*.

As sete primeiras das enumeradas são subdivisões das duas primeiras regras que não estão enumeradas e das quais tratei nas páginas precedentes. As regras numeradas são simplesmente um esforço para tornar mais inteligíveis as não numeradas. Da oitava regra à décima quinta, todas elas pertencem à regra não numerada. De que tratamos no presente capítulo.

Como já disse, estas regras foram escritas para todos os discípulos e para ninguém mais; não interessam a nenhuma outra pessoa. Portanto, espero que nenhum outro tomará o trabalho de ler estes escritos.

As duas primeiras regras compreendem toda aquela parte do esforço que necessita do uso do bisturi. Porém é de se esperar que o discípulo lute com a serpente, seu eu inferior, sem auxílio de outrem, reprimindo suas paixões e emoções humanas com a força de sua própria vontade. Só pode pedir o auxílio de um mestre quando tenha executado isto, ou ao menos uma parte. De outro modo, as janelas e portas da sua alma estão destruídas, cegas e obscurecidas, e nenhum conhecimento lhe pode chegar. Não é meu propósito, nestes escritos, dizer ao homem como deve portar-se com a sua própria alma; o meu propósito é simplesmente dar conhecimento ao discípulo. Se ainda agora não escrevo de maneira tal que todos os que se interessem possam ler, é devido a que Natureza Superior o impede com suas leis imutáveis.

As quatro regras que escrevi para aqueles que, no Ocidente, desejarem estuda-las, estão escritas, como já disse, na antecâmara de toda Fraternidade viva; digo mais, é a antecâmara de toda Fraternidade ou Ordem, viva ou morta, ou ainda por formar. Quando falo da Fraternidade ou Ordem, não quero significar qualquer constituição arbitrária formada por escolásticos e intelectualistas; significo com isso um acontecimento efetivo na Natureza Superior, um estado de desenvolvimento encaminhado para Deus ou o Bem Absoluto. Durante este desenvolvimento, o discípulo encontra harmonia, conhecimento puro, verdades puras em diferentes graus, e assim que entra nesses graus, percebe que está se tornando uma parte do que, grosseiramente, se poderia chamar uma "capa" de

consciências humanas. Encontra-se com seus iguais, homens que têm seu próprio caráter impessoal; a eles se associa de um modo indissolúvel e permanente, porque esta associação está fundada em uma semelhança vital da natureza, e a eles se une por votos, que não requerem expressão nem formas em palavras comuns. Isto é um aspecto do que indico por Fraternidade.

Se as primeiras regras são observadas, o discípulo já se encontra no vestibulo. Então, se a sua vontade é suficientemente resoluto, adquire o poder de falar; um poder duplicado; pois à medida que avança assim, se vê entrando num estado de florescimento, em que cada botão se abre, lança seus diversos raios ou pétalas. Se tem de executar um novo dom, deve usa-lo em seu caráter duplo. Encontra em si mesmo o poder de falar em presença dos Mestres; em outras palavras, tem o direito de pedir o contato com elementos mais divinos desse estado de consciência em que entrou. Porém, vê-se obrigado, pela natureza do seu estado, a agir de duas maneiras de cada vez.

Não se pode mandar sua voz às alturas em que se acham os Deuses enquanto não se tenha penetrado nas profundezas onde de nenhum modo brilham suas luzes. Acha-se entre as garras de uma lei de ferro. Se pede para um neófito, imediatamente se torna um servidor. Não obstante, o seu serviço é sublime, ainda que seja somente pelo caráter dos que o compartilham. Porque os Mestres também são servidores. Eles servem e depois pedem sua recompensa. Parte de seus serviços é deixar que seu conhecimento seja devido a eles mesmos; seu primeiro ato de serviço é dar alguma coisa deste conhecimento àqueles que ainda não estão em condições de estar onde estão. Isto na é decisão arbitrária imposta por Mestre ou Instrutor, ou por qualquer pessoa semelhante, por mais divina que seja. É a lei da vida em que o discípulo penetrou.

Por isso estava escrito na porta interior das Lojas da antiga Fraternidade egípcia: "O lavrador é digno de seu salário".

"Pede e te será dado" soa como demasiado fácil e simples para ser crível. Mas o discípulo não pode *pedir* no sentido místico em que usa a palavra nesta escritura, enquanto não tiver adquirido o poder de ajudar os outros.

Por que é assim? Parece esta declaração demasiado dogmática?

É demasiado dogmático dizer que um homem deve apoiar o pé em terra firme antes de poder saltar? A posição é a mesma. Se ajuda, se trabalha, então tem um direito efetivo, não o que se chama direito pessoal de pagamento, mas o direito de natureza semelhante. Os divinos dão; eles querem que vós deis, antes que possais pertencer à sua família.

Esta lei aparece logo que o discípulo trate de falar; pois a linguagem é um dom que só vem ao discípulo de poder e conhecimento. O espiritista entra no mundo psíquico astral, mas não encontra nenhuma linguagem certa, exceto se o desejar, e prosseguir praticando dessa maneira. Se está interessado nos *fenômenos* ou nas meras circunstâncias e acidentes da vida astral, então não penetra em nenhum raio direto do pensamento e objeto; não faz mais do que existir ali, assim como existiu e se divertiu na vida física. Certamente há uma ou duas simples lições que o psíquico astral pode ensinar-lhe, da mesma forma que há lições simples para aprender na vida material e intelectual. E estas lições devem ser aprendidas; o homem que se propõe a entrar na vida do discipulado sem haver aprendido as primeiras e simples lições, sempre terá de sofrer por sua ignorância. Elas são vitais e devem ser estudadas de um modo vital; devem ser experimentadas do modo mais completo, e muitas vezes de tal maneira que cada parte da natureza tenha sido penetrada por elas.

Voltemos ao assunto. Ao pretender o poder de falar, segundo se denomina, o neófito se dirige ao Grande Ser, que é o primeiro que está no Raio do Conhecimento em que entrou, pedindo-lhe que o guie. Ao fazer isto, a sua voz é repelida pela Potestade da qual se aproximou, ressoando o seu eco nos mais recônditos retiros da ignorância humana.

De um modo confuso e imperfeito, chega a todos os que a quiserem ouvir, a notícia de que há um conhecimento e uma Potestade benéfica que o ensina. Nenhum discípulo pode cruzar o vestibulo sem comunicar esta notícia e sem consigna-la de algum modo.

Detém-se horrorizado ante ao modo imperfeito e falso de preparação que fez, e então vem o desejo de fazer o bem, e com o desejo de ajudar aos outros vem o poder. Porque é um desejo puro o que sente; este poder não pode obter crédito, nem glória, nem recompensa pessoal, levando-o ao fim. E, por isso, obtém o poder de o cumprir.

A história de todo o passado, tão remotamente como podemos vê-la, demonstra mui claramente que não há crédito, nem glória, nem recompensa a ganhar nesta primeira tarefa que se dá ao neófito. Os místicos sempre foram desprezados e os videntes não foram cridos. Aqueles que tiveram também o poder da inteligência, deixaram à posteridade seus escritos, os quais, para maior parte dos homens, parecem sem sentido e visionários, ainda quando os autores tenham tido a vantagem de falar de um remoto passado. O discípulo que empreende a tarefa, esperando secretamente a fama ou o êxito de aparecer como um mestre e apóstolo diante do mundo, fracassa antes de a ter empreendido, e a sua oculta hipocrisia envenena a sua própria alma e as almas do que ensina. Ele rende secreto culto a si mesmo e esta prática lhe trará a devida recompensa.



O discípulo que tem poder para entrar e é bastante forte para saltar todas as barreiras, e esquecerá completamente de si, quando a mensagem divina chegar a seu Espírito na nova consciência que o invade. Se realmente este elevado contato pode despertá-lo, ele se torna um dos divinos em seu desejo de dar mais do que recebe; em seu desejo de ajudar mais do que ser ajudado; em sua resolução de alimentar ao faminto, mais do que receber o seu maná do céu. Sua natureza se transforma, e o egoísmo que impulsiona as ações dos homens, na vida comum, o abandona por completo.

#### IV

*Antes que a voz possa falar na presença dos  
Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir*

Os que só concedem uma atenção passageira e superficial ao assunto do Ocultismo – seu nome é legião – perguntam constantemente por que, existindo Adeptos, estes não parecem no mundo e não mostram seu poder. Saber-se que a corporação principal destes Sábios mora além dos desertos dos Himalaias, parece uma prova suficiente para demonstrar que não são mais do que figuras de palha. De outro modo, por que situa-los tão distantes?

Desgraçadamente, a natureza fez isso, e não qualquer convenção ou impulso pessoal. Há certos lugares na terra em que não se sente o avanço da *civilização*, e onde não penetra a febre do século XIX\* .

(\* século em que foi escrito este livro)

Nestes favorecidos lugares sempre há tempo, sempre há oportunidade para as realidades da vida; não estão cheios das ações de uma sociedade aglomerada, ansiosa de dinheiro e de prazeres. Enquanto houver Adeptos na terra, esta deve reservar-lhes lugares retirados. Este é um acontecimento da Natureza, a qual é apenas uma expressão externa de um conhecimento mais profundo da Natureza Superior.

A petição do neófito fica sem ser ouvida até que a voz em que é pronunciada tenha perdido toda possibilidade de ferir. Assim é, porque a vida astral e divina é lugar onde reina a ordem, como reina a vida natural. Há sempre, por suposição, o centro e a circunferência como o há na Natureza. Muito próximo do coração central da vida, em qualquer plano existe o conhecimento; ali reina completa ordem, e o caos vago e confuso faz a margem exterior do círculo. Em resumo: a vida tem, em todas as suas formas, uma escola filosófica. Há sempre os devotos do conhecimento, que para busca-lo esquecem sua própria vida; há

sempre a multidão loquaz que vai e vem. Destes disse Epicteto que era tão fácil ensinar-lhes a filosofia como comer coalhada com garfo. O mesmo estado existe na vida super-astral; e o Adepto tem ali uma reclusão mais profunda em que morar. Este retiro está tão fora de perigo, tão refugiado, que nenhum som discordante pode chegar aos seus ouvidos. Por que há de ser isto, perguntarão, se Ele é um ser de tão grande poder, como dizem os que crêem em sua existência? A contestação é patente. Ele serve a humanidade e se identifica como o mundo todo; Ele está pronto a sacrificar-se por este em qualquer momento – *vivendo, e não morrendo por ele*. Por que não há de morrer por ele? Porque Ele vive debaixo de leis de ordem que não quer violar. Sua vida não lhe pertence, mas sim às forças que operam nEle. Ele é a flor da humanidade, a florescência que contém a Semente Divina. Ele é, em sua própria pessoa, um tesouro da Natureza universal, o que se resguarda e defende para que a frutificação seja perfeita.

Só em certos períodos definidos da História do mundo se lhe permite andar entre o rebanho de homens, como seu Redentor. Mas Ele se acha sempre disposto para os que têm o poder de separar-se deste rebanho. E para os que são bastante fortes para vencer os vícios da natureza pessoal, conforme se explicou nestas quatro regras, Ele se acha vivamente disposto, facilmente reconhecível, pronto a responder.

Mas esta conquista do ser implica a destruição das qualidades que a maior parte dos homens considera não só como indestrutíveis, mas também desejáveis. O *poder de ferir* compreende muito mais do que o homem aprecia não só em si como em outros. O instinto da defesa e conservação próprias é uma parte dele, assim como a idéia de que uma pessoa tem direito ou direitos, seja como cidadão, como homem ou como indivíduo, à satisfação inerente à consciência do respeito próprio e da virtude. Isto é duro para muitas pessoas, sem por isso ser menos verdade; pois estas palavras, que agora escrevo, e as que escrevi sobre o assunto, não são, de modo algum, minhas. São extraídas das tradições da Loja da Grande Fraternidade, que em tempos remotos, foi o esplendor secreto do Egito. As regras escritas na sua antecâmara eram as mesmas. Em todos os tempos, os Sábios viveram apartados da massa. E ainda quando algum propósito ou objeto temporal induza um deles a vir ao meio da vida humana, a sua reclusão e segurança são tão conservadas como sempre. É uma parte de sua herança, parte de sua posição; tem o direito efetivo a isso, e não pode despreza-lo, assim como o Duque de Westminster. Em todas as grandes cidades do mundo vive um Adepto por curto espaço de tempo, de vez em quando, ou talvez somente passe por ela; porém, todas são em tais ocasiões ajudadas pelo poder efetivo e a presença de um desses Homens. Aqui em Londres, da mesma forma que em Paris e em Leningrado, há homens de elevado desenvolvimento. Porém, só os que têm o poder de conhecer os conhecem como místicos; poder este obtido pelo vencimento e domínio do eu inferior. De outro modo, como poderiam Eles existirem, ainda mesmo uma hora, em semelhante atmosfera mental de uma cidade? A não ser que estejam

protegidos e seguros, a sua obra seria prejudicada. O neófito pode encontrar um Adepto encarnado, pode viver na mesma casa que ele e, ainda assim, estar impossibilitado de o reconhecer e de fazer-lhe ouvir a voz. Porque nenhuma proximidade de espaço, nenhuma intimidade de relações pode fazer desaparecer as leis inexoráveis que dão ao Adepto a sua reclusão. Nenhuma voz penetra em seu ouvido interno enquanto não chegar a ser uma voz divina, uma voz que nada tenha em comum com os gritos do *eu*. Qualquer chamado inferior seria tão inútil, um gasto de força e de poder tão supérfluo, como o de um professor de filologia ensinar o alfabeto às crianças. Enquanto o homem, em seu coração e espírito, não chegar a ser um discípulo, ele não existirá para os que são Mestres de discípulos. E chega-se a ser isto só por um meio: a renúncia à humanidade pessoal.

Para que a voz chegue a ser incapaz de ferir, o homem deve ter alcançado aquele ponto em que seja como um de tantos outros que vivem entre a vasta multidão: um dos grãos de areia arrastados de cá para lá, pelo mar da existência ondulatória. Se cada grão de areia no leito do oceano é arrastado, por sua vez, à margem, e permanece por um momento à claridade do sol, o mesmo sucede aos seres humanos: são arrastados de cá para lá, por uma grande força, e cada um, por sua vez, sente os raios do sol. Quando um homem é capaz de considerar, deste modo, a sua própria vida como parte de um todo, não continuará a lutar para obter qualquer coisa para si. Tal é a renúncia dos direitos pessoais. O homem vulgar não espera participar da mesma fortuna que o resto do mundo, porém sair mais bem pago que os outros em tudo o que lhe interessa. O discípulo não espera isso. Portanto, ainda que seja um escravo aprisionado como Epicteto, nada tem que dizer. Sabe que a roda das vidas dá volta incessantemente. Brune Jones o demonstrou em um maravilhoso quadro: a roda que dá voltas e a ela estão atados os pobres e ricos, os grandes e pequenos; cada um tem seu momento de boa sorte, quando a roda o leva mais alto; o rei se eleva e cai, o poeta é festejado e esquecido, o escravo é ditoso e depois abandonado. Cada qual é, por sua vez, esmagado à medida que a roda dá voltas. O discípulo sabe que isto é assim; e ainda que o seu dever seja tirar o maior partido possível da vida que é sua, nem se queixa nem se ensoberbece por isso, assim como não se queixa da melhor sorte dos outros. Todos igualmente, como ele o sabe muito bem, não fazem mais do que aprender uma lição; e sorri ante o socialista e o reformador que tratam de reorganizar, pela mera força, as circunstâncias que surgem das forças da mesma natureza humana. Isso é dar coices contra as esporas, um gesto inútil de vida e energia.

Ao compenetra-se disto, o homem renuncia a seus imaginários direitos individuais, de qualquer tipo que sejam. Isto lhe faz desaparecer um agudo aguilhão, quer é comum a todo homem vulgar.

Quando o discípulo reconheceu, de vez, que até o próprio pensamento dos direitos individuais é apenas a expressão da venenosa qualidade que nele reside; é



o sibilar da serpente do eu, que envenenou, com sua picada, a sua própria vida, e a vida dos que o rodeiam: então se acha pronto a tomar parte numa cerimônia anual que está aberta a todos os neófitos que estão preparados para ela. Todas as armas defensivas e ofensivas são desprezadas; todas as armas: da mente e do coração, do cérebro e do espírito. Já não poderá considerar outro homem como pessoa a quem haja de criticar e condenar; já o neófito não poderá levantar sua voz para escusa e defesa próprias. Desde esta cerimônia, volta ao mundo tão desamparado, tão indefeso como um recém-nascido. Em verdade, é isto que ele é. Principiou a renascer de novo no plano superior da vida, essa planície bem alumiada e ventilada pela brisa, da qual os olhos distinguem inteligentemente e olham o mundo com uma nova percepção.

Disse, um pouco antes, que depois de abandonar o sentido dos direitos individuais, o discípulo tem que se desprender também do sentido do respeito próprio e da virtude. Isto pode parecer uma doutrina terrível, mas é uma realidade. Aquele que se julga mais santo do que os outros, aquele que sente orgulho por estar isento de vícios e loucuras, aquele que se crê sabido ou de algum modo superior aos seus semelhantes, é incapaz de ser um bom discípulo. O homem tem de transformar-se em criança, antes de entrar no reino dos céus.

A virtude e a sabedoria são coisas sublimes, porém pode criar-se na mente do homem orgulhoso a consciência de separatividade do resto dos humanos; então, não mais do que a serpente do *eu* reaparecendo em uma forma mais sutil. Em qualquer momento pode revestir sua forma mais grosseira e picar com tanta raiva como se inspirasse a ação de um assassino que mata por lucro ou por ódio, ou a de um político que sacrifica a massa ao seu próprio interesse ou do seu partido.

Em resumo: ser incapaz de ferir supõe que a serpente não só está inutilizada, mas está morta. Quando está somente imersa em estupor ou adormecida, torna a despertar-se. Então o discípulo emprega seu conhecimento e seu poder para fins pessoais, e é apenas um discípulo dos muitos mestres de magia negra, pois o caminho para a destruição é muito largo e fácil, e pode ser encontrado às cegas. Que esse é o caminho para a destruição é evidente; pois quando o homem principia a viver para o *eu*, estreita constantemente seu horizonte, até que, por fim, a férrea corrente não lhe deixa mais que o espaço de uma cabeça de alfinete em que morar. Todos temos visto acontecer este fenômeno na vida cotidiana. O homem que se faz egoísta isola-se, torna-se menos interessante e menos agradável aos outros. O espetáculo é espantoso, e os outros acabam fugindo de uma pessoa muito egoísta, como de uma fera. Quão mais terrível é isto quando ocorre em um plano mais elevado da vida, com o acúmulo dos poderes do conhecimento e ao largo das voltas de sucessivas encarnações!

Portanto, digo, detende-vos no vestibulo e pensai bem. Porque se a petição do neófito é feita sem a purificação completa, não penetrará no retiro do Adepto divino, mas invocará as terríveis forças que o espreitam no lado negro da natureza humana.

## V

*Antes que a alma possa erguer-se na presença dos  
Mestres, é preciso que seus pés tenham sido lavados  
no sangue do coração*

A palavra Alma, que é usada aqui, quer dizer a Alma Divina ou *Espírito Sidéreo*. "Ser capaz de elevar-se é ter confiança", e ter confiança significa que o discípulo está seguro de si mesmo, que renunciou a suas emoções, a seu próprio *eu* e até à sua humanidade; que é incapaz de ter temores e dor inconsciente, que toda a sua consciência está concentrada na Vida Divina, expressa simbolicamente pelo termo *os Mestres*: que só tem olhos, ouvidos, linguagem e poder pelo Raio Divino em que seu sentido mais elevado tocou. Então está isento de temor, livre de sofrimento, acha-se completamente dentro da chama da Luz Divina que penetra totalmente o seu ser. Então tomou posse de sua herança e pode reclamar o seu posto entre os Instrutores dos homens; ele está ereto, levantou a cabeça e respira o mesmo ar que Eles.

Porém, antes que lhe seja possível fazer isto, os pés da Alma devem ser lavados no sangue do coração.

O sacrifício ou renúncia do coração do homem e das suas emoções é a primeira regra, imposta ao "alcançar o equilíbrio que não pode ser destruído pelas emoções pessoais". Isto o faz filósofo estóico; ele também está de parte e considera com igual atitude seus próprios sofrimentos e os dos outros.

Da mesma forma que as *lágrimas*, na linguagem do Ocultismo, exprimem a alma emotiva e não sua aparência material, assim o sangue exprime, não esse sangue essencial à vida física, mas o princípio vital criador da natureza do homem, que o arrasta à vida humana, a fim de experimentar a dor e o prazer, a alegria e o pesar. Quando deixou correr o sangue de seu coração, acha-se em presença do Mestre como um Espírito puro, que já não deseja encarnar-se para as emoções e experiências. Por muitos séculos, talvez, o aguardem muitas encarnações sucessivas; mas ele não as deseja; o cru desejo de viver o abandonou. Quando assumir a forma carnal de homem, o fará com objetivo divino: levar a efeito a obra dos *Mestres* e sem nenhum outro fim. Não procura o prazer nem a dor; não pede céu algum, nem teme o inferno; entretanto, entrou na posse de uma grande herança, que não é tanto uma compensação pelas coisas que renunciou, como um

estado que simplesmente as risca em absoluto da memória. Ele não vive no mundo, mas com ele; o seu horizonte se estendeu à amplidão de todo o universo.

---

### **KARMA**

Considera comigo que a existência individual é um cordão que se estende do finito ao infinito, que não tem princípio nem fim, e não pode se romper. Este cordão é formado por inumeráveis e tênues fios que, estreitamente são incolores, perfeitamente retos, sólidos e lisos. O cordão, ao passar, como sucede, por toda classe de lugares, sofre estranhos acidentes. Muito amiúde se engancha um destes fios e fica preso, ou talvez é apenas desviado violentamente de sua direção normal. Então, durante muito tempo, fica torcido e põe em desordem outros fios. Algumas vezes um deles se mancha de impurezas ou colorações, e a mancha não só se estende em volta do ponto do contato, mas também impregna outros fios. E tem presente que os fios são vivos; são como fios elétricos, mais ainda, são como nervos vibrantes. Calcula pois, quanto pode estender-se a mancha ou a violência da distorção! Porém, acontece eventualmente que os longos fios viventes que, em sua continuidade não interrompida, formam o indivíduo, passam da sombra para a luz. Então os fios já não são incolores, são dourados; uma vez mais estão unidos, lisos. Uma vez mais se estabelece a harmonia entre eles, e a partir desta harmonia interna percebe-se a harmonia maior.

Este exemplo não representa mais do que uma parte mínima, um único aspecto da verdade: é menos que um fragmento. Todavia, detém-te nele; com a sua ajuda podes chegar a perceber alguma coisa mais. O que em primeiro lugar se deve compreender é que o futuro não é formado arbitrariamente por atos isolados do presente, mas é uma continuação ininterrupta do presente, assim como o presente o é do passado. De certo ponto de vista, de um plano, o exemplo da corda é exato.

Dizem que um pouco da atenção prestada ao Ocultismo produz grandes resultados cármicos. Isto acontece porque é possível prestar alguma atenção ao Ocultismo sem fazer uma seleção definida entre o que vulgarmente se chama bem e mal. O primeiro passo no Ocultismo conduz o estudante à arvore do conhecimento. Ele deve atirar-se a ela e comer; mas tem que escolher. Já não pode ficar na indecisão da ignorância. Tem que avançar no caminho do bem ou do mal. E avançar um passo que seja, definidamente e com conhecimento, em qualquer dos dois caminhos, produz grandes resultados cármicos.

A massa humana marcha vacilante, incerta, a respeito da meta a que aspira; sua mesma vida é confusa, e por conseguinte, o seu *Karma* age de um

modo confuso. Porém, uma vez que se chegou ao vestibulo do conhecimento, a confusão principia a ser menor e, portanto, os resultados cármicos aumentam enormemente, porque todos atuam na mesma direção, em todos os diversos planos, pois o ocultista não pode fazer as coisas somente pelo meio, nem pode retroceder, desde que passou o vestibulo. Isto é tão impossível quanto um homem voltar a ser criança. O indivíduo aproximou-se do estado de responsabilidade, por causa do crescimento, e já não pode retroceder.

Aquele que quiser livrar-se dos laços do *Karma*, tem que elevar sua individualidade da sombra à luz; tem que elevar tanto a sua existência, que estes fios não se ponham em contato com as matérias que mancham, nem possam ser presos a ponto de se distorcerem. Eleva-se simplesmente acima da região em que o *Karma* opera. Não abandona a existência que lhe serve de experiência por causa disso. O terreno pode ser agreste e inundado, ou repleto de esplendidas flores, cujo pólen mancha, e de substâncias deliciosas que aderem e se tornam atrativas; porém nas alturas o céu se mostra sempre límpido. Aquele que desejar estar livre de todo *Karma*, deve buscar sua mansão no ar, e depois no Éter. Aquele que deseja formar um bom *Karma*, terá muitas confusões, e no esforço de semear excelente semente para sua própria colheita, pode plantar mil ervas daninhas e, entre elas, a árvore gigantesca. Não desejes semear coisa alguma para tua própria colheita; trata de semear aquela semente cujo fruto alimentará o mundo. És uma parte do mundo: ao lhe dares alimento, tu o darás a ti mesmo. Não obstante, também neste pensamento se oculta um grande perigo que avança e faz frente ao discípulo, que durante muito tempo acreditou ter trabalhado para o bem, quando no íntimo de sua alma só percebeu o mal, isto é, acreditou ter-se dedicado ao bem do mundo, enquanto que todo o tempo ele nada fez senão pensar no *Karma*, e o grande bem que faz, é a si que o faz. Um homem pode negar-se a pensar na recompensa; porém nessa mesma negação se percebe que a recompensa é desejada. E é inútil ao discípulo tratar de aprender por meio do refreamento. A alma deve estar desagrilhoada, assim como os desejos. Mas enquanto ele não estiver fixo naquele estado onde não existe recompensa nem castigo, bem nem mal, em vão se há de afanar. Pode parecer que faz grandes progressos, porém chegará o dia em que se verá em frente de sua alma e reconhecerá que, quando se aproximou da árvore do conhecimento, colheu o fruto amargo em vez do doce, e então o véu cairá por completo e ele abandonará sua liberdade para se tornar escravo do desejo. Portanto, está de sobreaviso, tu que comesças a voltar-te para a vida do Ocultismo. Aprende desde já que não há cura para o desejo; que não há cura para o fã de recompensa; que não há cura para o anelo grosseiro, senão fixando a vista e o ouvido naquilo que é invisível e inaudível. Principia desde já a praticá-lo, e deste modo apartarás de teu caminho milhares de serpentes. Vive no eterno.

A operação efetiva das leis do *Karma* não deve ser estudada enquanto o discípulo não tiver alcançado o ponto em que elas não mais o afetem. O Iniciado

tem o direito de pedir os segredos da Natureza e de conhecer as regras que regem a vida humana. Obteve esse direito por haver transposto os limites da Natureza, por haver-se libertado dos limites das normas que governam a vida humana. ele já se transformou em uma parte reconhecida do elemento divino, e o que é temporário já não o afeta. Obtém então o conhecimento das leis que regem as condições temporárias.

Portanto, vós, que desejais compreender as operações das leis do *Karma*, tentai primeiro libertar-vos destas leis; e isto só podereis fazer fixando vossa atenção naquilo que não é afetado por essas leis.

*FINIS CORONAT OPUS*